

**O MANDAMENTO DA CARIDADE, DA OBEDIÊNCIA E
DA HUMILDADE. O DISCURSO CISTERCIENSE E A
DOMINAÇÃO DOS AFETOS NOS RELATOS DE
CONVERSOS NO *EXORDIUM MAGNUM* DE CONRAD
D'EBERBACH (+1221)**

**The commandment of Charity, Obedience and Humility.
Cistercian discourse and the domination of affections in the
accounts of Converts in the *Exordium Magnum* by Conrad
d'Eberbach (+1221)**

Ana Paula Lopes Pereira
Professora Adjunta de História Medieval (UERJ-FFP)
Pesquisadora do Programa de Estudos Medievais (UFRJ-UERJ)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-644-1987>
E-mail: anaplopespereira@gmail.com

Recebido em: 23/03/2023
Aprovado em: 25/04/2023

Resumo: O *Exordium Magum* de Conrad d'Heberbach (m.1221) narra a origem da Ordem Cisterciense. Trata-se de um relato histórico, mas, também é uma obra apologética que incita os monges a imitarem o exemplo dos fundadores. Nossa intenção, dando sequência à nossa pesquisa sobre os afetos na antropologia monástica, é escrutar os *exempla* que compõem os relatos dos *simples conversos* considerando de forma mais sistemática suas relações afetivas, fundamentadas no amor e a manifestação das emoções em relação aos imperativos de obediência e de humildade na vida comunitária cisterciense. O conceito de *Caritas* e sua força estruturante na antropologia cisterciense justifica esse empreendimento, pois o mandamento implica, legitima e justifica o exercício do poder monástico: o voto de obediência, a submissão da vontade própria através do exercício da humildade e o dever de servir. Buscamos compreender a lógica da dominação que aparece na instituição dos conversos e, talvez, perceber as emoções que lhes são atribuídas no discurso hagiográfico e cronístico de Conrad d'Eberbach.

Palavras-chave: Cîteaux – *Exordium Magnum* – Conversos - Afetos

Abstract: The *Exordium Magum* written by Conrad d'Heberbach (d.1221) narrates the origin of the Cistercian Order. It is a historical account, but it is also an apologetic work that encourages monks to imitate the example of the founders. Our intention, continuing our research on affections in monastic anthropology, is to scrutinize the *exempla* that make up the reports of *simple conversi*, considering in a more systematic way their affective relationships, based on love and the manifestation of emotions in relation to the imperatives of obedience and of humility in Cistercian community life. The concept of *Caritas* and its structuring force in Cistercian anthropology justifies this undertaking, as the commandment implies, legitimizes and justifies the exercise of monastic power: the vow of obedience, the submission of one's will through the exercise of humility and the duty to serve. We seek to understand the logic of domination that appears in the institution of *conversi* and, perhaps, understand the emotions attributed to them in Conrad d'Eberbach's hagiographic and chronicle discourse.

Keywords:

A exegese do mandamento do Amor de Deus e do Amor ao próximo - *Caritas* - estrutura a teologia mística cisterciense. Buscamos relacionar esse conceito fundamental com aqueles que ele implica – *Obedientia* e *Humilitas* no *Exordium Magnum* de Conrad d’Eberbach (+ 1221). O *Exordium* é a crônica dos primeiros tempos da Ordem cisterciense, mas é, também, uma obra apologética que através dos *exempla* incita os monges e conversos a imitarem os pais fundadores e a retornarem à pureza original da Ordem na estrita observância da Regra de São Bento. Nesse sentido, pretendemos analisar os modelos de perfeição que aparecem nos *exempla* relativos aos irmãos conversos que se ocupam dos trabalhos agrícolas e que explicitam a relação entre o Amor de Deus (*Caritas*) e os mecanismos de dominação. O conceito de *Caritas* e sua força estruturante na antropologia cisterciense justifica esse empreendimento, pois o mandamento implica, justifica e legitima o exercício do poder monástico: o voto de obediência monástica (submissão da vontade própria) através do exercício da humildade e do dever de servir. Nossa intenção é a de escutar os *exempla* que compõem os relatos dos *simples conversos – iletrados* - para compreender a relação entre Caridade, Obediência, Humildade e os méritos da Paciência e da Penitência que permitem o acesso ao saber e à Beatitude Celeste; entre o modelo perfeito de monge cisterciense e os mecanismos de distinção que afirmam as práticas simbólicas de dominação que permitem, em última instância, que Bernardo de Claraval utilize, em seus sermões, os exemplos dos conversos para incitar a todos que os imitem – em uma reversão do lugar social que lhes é determinado na vida comunitária. Buscamos inverter as lentes de análise sobre a Caridade como fundamento da teologia mística cisterciense: a articulação dos quatro conceitos (amor, obediência, humildade e trabalho), complementares e fundamentais da observância beneditina e estruturantes da vida cisterciense reformada, deve nos permitir compreender a lógica da dominação que aparece na instituição dos conversos e, talvez, perceber as emoções que lhes são atribuídas no discurso hagiográfico e cronístico de Conrad d’Eberbach.

O *Exordium Magnum sive narratio de initio cisterciensis ordines* conta a origem e evolução primeira da Ordem Cisterciense, da sua fundação por Robert de Molesmes (1098) até o final do século XII (1190). Trata-se de um relato histórico e apologético, nesse sentido, Conrad d’Eberbach empreende uma narrativa que se

estrutura como uma hagiografia, com uma coleção de *exempla* uma vez que, além de diversas fontes, utiliza o Livro de Milagres de Herbert de Claraval (+ 1198). O interesse acadêmico pelo *Exordium* é relativamente recente. Em 1961 foi realizada a edição crítica em latim, no final da década de 90 essa tradução foi revista e editada, com um excelente aparato crítico na coleção *Cîteaux-Comentarii Cistercienses*, é a edição que utilizamos¹ para cotejarmos o texto publicado na Patrologia Latina.² Seguiremos com algumas observações preliminares para em seguida apontarmos os pressupostos da nossa reflexão.

Exordium significa, na retórica clássica, a introdução ao discurso. Sua função é a *captatio benevolentiae* do leitor e o que permite ao autor a tomada de sua palavra. É também uma arenga, uma defesa. Assim, toda a obra é um estímulo e uma demanda de retorno à comunidade cisterciense primitiva, retomando a própria iniciativa de Robert de Molesmes, ratificada por Etienne de Harding sublimada por Bernardo de Claraval. Esse discurso é o preambulo de toda a história cisterciense que está por vir, integrando a Ordem e a história do monaquismo na economia da salvação. O Grande *Exordium* foi escrito entre 1190 e 1210. Conrad provavelmente habitou Claraval entre 1177-1193, quando se torna abade de Eberbach sucedendo Gérard, que por sua vez fora prior de Claraval. Conrad escreve em um momento de tensão na Ordem, de relaxamento da disciplina, com uma intenção edificante e disciplinadora e explicita seus objetivos: escreve para que os irmãos que vivem longe do berço da Ordem saibam como esta começou e recuperem sua pureza originária.

O texto está dividido em seis *distinctiones*. As quatro primeiras com 34 a 35 capítulos e as duas finais com 21 e 10 respectivamente, sendo o último capítulo uma *recapitulatio finalis*, que retoma as intenções moralizantes da obra. A primeira *distinctio*

¹ A edição do Père Bruno Griesser (Roma, Editiones Cistercienses) está reeditada e completada no *Corpus Christianorum. Continuatio Medievalis*, Éditions Brepols: Turnhout. CETEDOC (Université de Louvain-la-Neuve). Utilizamos a versão anterior a essa reedição: Conrad d'Eberbach, *Le Grand Exorde de Cîteaux (Récit des débuts de l'Ordre Cistercien)*. Traduit du latin par soeur Anthelmette Piébourg Introduction de Brian P. McGUIRE, avec la collaboration de Marie-Gérard DUBOIS, Pierre-Yves EMERY, Placide VERNET, Danièle CHOISSELET, Jacques BERLIOZ, Claude CAROZZI et Pascal COLLOMB. Sous la direction de Jacques BERLIOZ. BREPOLIS/ Cîteaux- *Commentarii cistercienses, Studia et Documenta*, vol. VII. Brepols, Turnhout, 1998.

² MIGNE, Jacques Paul., *Patrologia Latina* vol. 185, col. 995-1198. Apud TISSIER, B. *Exordium Magnum Cisterciense (Biblioteca Patrum Cisterciensium 1, Bonofonte, 1660*. Volumes acessíveis em <https://patristica.net/latina/> Acessado em 12 de dezembro de 2022

narra a perfeita penitência de Jesus-Cristo, a vida comunitária apostólica, a instituição do monaquismo e o exemplo de Antônio e dos Pais do Deserto, a Regra de São Bento, o exemplo de Cluny, a fundação de Cîteaux, o abaciado de Robert de Molesmes e de Etienne de Harding. Aqui, o autor utiliza diversas fontes, inclusive documentos que registram a fundação e o privilégio concedido à Cîteaux pelo papado, mas também relatos hagiográficos dos abades de Cluny e Cîteaux (I, 1-20) e uma biografia de Étienne Harding (I, 21-31). A segunda é consagrada à vida de Bernardo de Claraval (II, 1-20), uma pequena hagiografia com *exempla*, os capítulos finais são dedicados aos sucessores de Bernardo (II, 21-34). A terceira, sobre as graças e modo de vida de monges, é uma recolha de *exempla* seguindo a hierarquia dos ofícios, é composta de 34 capítulos. Contém o elogio de Gérard, o granjeiro e irmão de carne de Bernardo (III, 1-3) e de Humbert, prior (III, 4-6), ainda outros *exempla* de monges e bispos oriundos de Claraval ou que se tornaram monges após a vida secular (III, 6-34). Na quarta *distinctio*, (IV, 1-35) o mesmo empreendimento, mas, dedicado a contar os gestos dos simples monges e conversos. Na quinta *distinctio* (V, 1-21), Conrad admoesta contra os perigos do relaxamento: desobediência, conspiração, retardar a confissão, a sensualidade no canto, a discórdia, a necessidade do zelo pelo hábito.... Finalmente, a sexta *distinctio* (VI, 1-9) e uma *Recapitulatio finalis* elaboram o discurso edificante para além da vida monástica, evoca a Igreja mostrando a importância da Eucaristia e, através dos *exempla*, os milagres que reúnem os vivos e os mortos em uma mesma comunhão. A intenção do compilador é a defesa da Ordem Cisterciense dos ataques dos monges beneditinos da Alemanha sobre o relaxamento da disciplina e seus privilégios diante da Igreja. Seus detratores põem em causa a legitimidade da Ordem, consideravam que havia sido fundada na desobediência e na transgressão da *stabilitas loci*.³ Dessa forma, vemos a importância da obediência ao longo do relato. Lembramos que para Etienne Gilson a meditação da Regra de São Bento é fundamento, princípio e fim da *obediência* cisterciense.⁴ Para Brian P. McGuire, apesar de Conrad ser um compilador, ele esboça uma importante história do monaquismo e faz prova de “consciência histórica” manifestada na escolha das fontes, na estruturação cronológica e no desejo de levar essa

³ Le Grand Exorde de Cîteaux.. MCGUIRE, Brian Patrick., Introdução, pp. XV- XVI. A partir de agora citaremos a fonte como Le Grand Exorde.

⁴ GILSON, E. La Théologie mystique de saint Bernard. Ed. J.Vrin. Paris, 1986, p. 93.

consciência aos novos membros das novas fundações, uma consciência de pertencimento a uma comunidade viva. Para tal empreendimento Conrad utiliza as fontes clássicas para a escrita monástica do século XII, as *vitae* dos grandes abades mas, também os relatos orais de testemunhas (“pessoas religiosas e dignas de fé”) e a sua própria experiência em Claraval, quando se expressa mais livremente. As fontes utilizadas são evidentemente as Escrituras, Virgílio, Horácio e Ovídio, o que testemunha de seu aprendizado na escola catedral renana, os Diálogos de Gregório o Grande, a Regra de São Bento. a *Carta Caritatis* (1114) - documento normativo precisado por Etienne Harding, que regulamenta o controle e a administração de cada casa, a relação entre as abadias e a unidade da Ordem -, as decisões do Capítulo Geral, os *Ecclesiastica Officia*, sobre a vida dos monges, o *Usus Conversorum*, para as obrigações dos conversos, e as crônicas cistercienses como o Pequeno *Exordium* (1119), a *Vita Prima* de Bernardo e *Liber Visionum et Miraculorum* compilado por volta de 1170. o *Liber Miraculorum*⁵ de Herbert de Clairvaux, escrito entre 1178/1181 que é a fonte para a coletânea de *exempla*. Conrad também se preocupa em dar introduções e conclusões moralizantes para reafirmar os ideais cistercienses originários. Mas, fundamentalmente, o *Exordium Magnum* trata da vida comunitária e dos problemas da vida cotidiana⁶, demonstra como enfrentar os conflitos - a desobediência, a revolta, a discórdia, a preguiça - através do modelo dos pais fundadores e dos relatos dos monges e conversos. Busca a edificação dos leitores e ouvintes, seus pares, rememora os monges que conseguiram preservar o modo de vida e caminhar no conhecimento de si, via para a beatitude. Para McGuire, Conrad espera que seus irmãos tenham a consciência de serem herdeiros de homens que responderam à graça de Deus, que “transformaram um lugar deserto em uma comunidade viva”.⁷

O *Exordium Magnum* é, então, um testemunho da vida material e espiritual cisterciense que manifesta os valores comunitários que devem ser retomados, mas o que nos interessa, para além dessas observações introdutórias, sobre a estrutura compósita da obra que se situa entre crônica histórica, obra moral e propagandística, relato

⁵ MIGNE, J-P. *Patrologia Latina*, 185, col.1271-1383.

⁶ Ao final da edição por nós utilizada um quadro das noções indexadas demonstra a importância da obra para a análise da vida cotidiana, do trabalho dos campos, do mundo animal, da flora da fauna, da organização e hierarquia monásticas, as relações de parentesco, liturgia, etc.

⁷ McGUIRE, Brian Patrick, *Le Grande Exorde*, Introdução, p. xxxiv.

hagiográfico, recolha de *exempla*, buscando nos concentrar na análise dos capítulos dedicados aos “simples conversos”, onde o autor sem “distinção” de linguagem, utilizando largamente o vocabulário místico e afetivo fundamento da consciência teológica cisterciense, nos questionamos sobre os afetos dados aos conversos.

A partir dessas bases como pensar os conceitos fundamentais do pensamento filosófico-teológico monástico, suas estruturas, seus termos, seus sintagmas, suas reminiscências, seus sentidos profundos que agiram nos mecanismos de crença e devoção (“modos de pensar e sentir”) e que por isso, que colocam as bases de uma ideologia do amor, da amizade, objeto de pesquisas recentes em Antropologia Histórica e mais especificamente, no nosso campo, sobre a História das Emoções? Como, após uma literatura historiográfica e teológica que enaltece a vida comunitária, comunhão, o amor, a mística, a beatitude podemos refletir sobre a dominação, a hierarquia, a distinção e a reprodução da ordem social no interior das comunidades monásticas cistercienses? Propomos então analisar os mecanismos de dominação através dos *exempla* dos “simples conversos”, que têm no trabalho o fundamento da sua posição na comunidade, para além do *Ora et Labora* determinados na Regra, se constituindo como classe trabalhadora *de facto*.

A vida comunitária cisterciense se manifesta pela ligação entre a disciplina e a prática comum da Regra de São Bento, também fundamentada na *Carta Caritatis* – apesar das filhas de Cîteaux estarem espalhadas “pelo mundo, estão unidas em uma só Igreja, uma só Ordem, um só corpo em Cristo.”⁸ A Caridade exige a obediência, a humildade e a penitência, o poder exercido sobre os corpos e sobre os corações se justifica pelo *mandamento* do amor ao próximo. À obediência, voto absoluto, associada à virtude da humildade e ao imperativo penitencial do trabalho que representa na prática aos dois engajamentos de entrada na Ordem beneditina é acrescentado, na resposta reformadora cisterciense e sublimado na mística bernardiana, o *mandamento* do Amor de Deus. É, ainda, esse *mandamento*, que se traduz em discurso, que pode agenciar um complexo de emoções que se não são *sentidas* pelos conversos lhes são *atribuídas* na narrativa do *Exordium Magnum*.

⁸ Referência de Conrad à *Carta Caritatis. Exordium Magnum*, I, 29.

Nosso questionamento ao analisarmos os *exempla* nos quais o converso, aceito como *parte* da vida comunitária, é o sujeito de emoção é o de saber se esse sujeito só pode sentir o que os outros monges sentem (júbilo, amor, felicidade, tristeza, acédia) se aagem de acordo com a lógica da dominação e da distinção (a língua falada – latim ou *langue d'oïl* -, as práticas do cotidiano da vida monástica, o imperativo do trabalho) o que, finalmente, os capacita para a beatitude e, por isso, são dignos de memória. Grande parte da historiografia dedicada à análise da vida monástica e do discurso teológico cisterciense insiste no aspecto doutrinário, na profundidade teológica dos escritos de Bernardo de Claraval, de Aelred de Rievaulx e de Guillaume de Saint-Thierry. Insistem na beleza lírica do texto, na construção mística do indivíduo amante do Cristo-Amor.⁹ Entretanto, em que pese a força exegética de Atos 4,32 a vida monástica não é igualitária. De fato, as hierarquias latentes no interior das comunidades monásticas e a força dos *mandamentos* espelham as clivagens sociais das aristocracias rurais. Bernardo chega à Cîteaux com seus irmãos, companheiros de armas e de linhagem, essa diferenciação social, poderíamos dizer, de classe¹⁰, vai marcar a vida comunitária cisterciense. A vida comunitária cisterciense cria a separação entre os monges, os irmãos laicos e os conversos que se ocupam de vários ofícios. Os monges clérigos e noviços são letrados, o que marca, como veremos a *distinção* maior entre os dois grupos; a distinção se situa no nível do saber e do não-saber. Os irmãos laicos e os conversos, são iletrados,¹¹ não cantam, não podem soar os sinos. São eles que

⁹ A historiografia monástica beneditina e cisterciense, compostas pelos grandes exegetas, intelectuais e editores das grandes coleções de fontes, tais como D. Ursmer Berlière (os.b.) (1861-1932) Joseph-Marie Canivez (1878-1952), D. André Wilmart (o.s.b.) (1876-1941), D. Jean Leclercq (o.s.b.) (1911-1993), Adalbert de Vogüé (o.s.b.) (1924-2011) e sobretudo Etienne Gilson (1884-1978) determinaram a compreensão da dimensão mística e afetiva da espiritualidade cisterciense, como um elogio permanente da lírica e do alcance teológico bernardiano no “renascimento do século XII”. Apenas nas últimas décadas historiadores não confessionais se dedicaram a retomar a literatura monástica abrindo caminho para outros temas e abordagens.

¹⁰ Não vamos aqui refletir sobre o conceito de classe para o período medieval, acreditamos que a diferenciação entre aos grupos sociais existe e é determinante.

¹¹ Os conversos são uma categoria que se confunde com a dos irmãos laicos e nas fontes mais antigas, segundo o grande erudito Jean Mabillon (1632-1707) são denominados como *fratres conversi, laici barbati, illiterati*, ou *idiotæ* são uma categoria cuja origem, discutida, se situa no século XI. Em princípio o monge beneditino não é um clérigo e pela Regra na sua origem realizam o trabalho manual, o termo *conversi* tendo seu significado original de convertidos, para diferenciar dos oblatos (*oblatis*) e dos *nutriti*. O termo *conversi* teria aparecido na *vita* de São João Gualbert, escrita por Andrea Strumensis, mas parece que a categoria teria sido instituída antes da fundação de Vallombrosa por volta de 1038, pois Pedro Damiano indica que servos que também eram religiosos e ficavam à parte para realizar os trabalhos manuais em Fonte Avellana, fundada entre o final do século X e início do século XI, enquanto que em Fonte Buono e Camaldoli (1012) teriam irmãos distintos do coro dos monges e preenchendo as tarefas

asseguravam o trabalho agrícola, celebravam os domingos e festas nos mosteiros. As granjas, “pequenos mosteiros” são os domínios que asseguravam a subsistência dos monges. O ofício divino é uma oração simples o *Pater* e o *Gloria Patri*, sem conteúdo teológico, no domingo tinham seu Capítulo.¹²

No relato dos irmãos conversos vemos os conflitos que puderam ter havido no final do século XII, ou como controlar esse grupo nos mosteiros, isolados dos benefícios espirituais. Poucas fontes cistercienses tratam dos conversos apesar da importância do trabalho manual na vida comunitária cisterciense.¹³ A Regra prevê uma comunidade autárquica, o que coloca a importância do trabalho manual como obediência à Regra e como penitência. O trabalho (*labor*) marca o ritmo das horas e dos dias, a Regra prevê ainda que os monges possam ir nas granjas ajudar no trabalho dos campos (como

seculares. Os conversos são uma categoria que se confunde com a dos irmãos leigos e nas fontes mais antigas, segundo o grande erudito Jean Mabillon (1632-1707) são denominados como *fratres conversi*, *laici barbati*, *illiterati*, ou *idiotæ* são uma categoria cuja origem, discutida, se situa no século XI. Em princípio o monge beneditino não é um clérigo e pela Regra na sua origem realizam o trabalho manual, o termo *conversi* tendo seu significado original de convertidos, para diferenciar dos oblatos (*oblato*) e dos *nutriti*. O termo *conversi* teria aparecido na *vita* de São João Gualbert, escrita por Andrea Strumensis, mas parece que a categoria teria sido instituída antes da fundação de Vallombrosa por volta de 1038, pois Pedro Damiano indica que servos que também eram religiosos e ficavam à parte para realizar os trabalhos manuais em Fonte Avellana, fundada entre o final do século X e início do século XI, enquanto que em Fonte Buono e Camaldoli (1012) teriam irmãos distintos do coro dos monges e preenchendo as tarefas seculares. Para D. Jean-Leclercq, “Os conversos são convertidos na idade adulta e sem instrução clerical ou ainda servos emancipados levando uma vida quase semi religiosa» a definição genérica que pode ser aplicada aos três períodos seria: servos leigos que vivem como monges e que têm tarefas exteriores ao mosteiro». Lay Brothers, In: *The Catholic Encyclopedia*, New York: Robert Appleton Company. <http://www.newadvent.org/cathen/09093a.htm>; *Conversi*. In: *The Catholic Encyclopedia*, New York: Robert Appleton Company. <http://www.newadvent.org/cathen/04346b.htm> Acessados em 20 de novembro de 2022. Não pudemos consultar o artigo de Chrysogonus Waddell (ed.) *Cistercian Lay Brothers: Twelfth-Century Usages with Related Texts*. Cîteaux. *Studia et Documenta*. Vol. X. 2000, 232 p. Aqui pode se situar uma determinada fluidez das definições de categorias sociais, pois em princípio os irmãos leigos oriundos da aristocracia podem ser iletrados, mas não sabemos se podem pela solidariedade de linhagem aceder ao *studium*.

¹² No Glossário da edição do *Grand Exorde* a definição de converso é a de um grupo que não se enquadra no estrito senso de monge porque “leur genre de vie s’écarte intentionnellement des prescriptions de la Règle...frères laics, ils sont principalement destinés à l’exploitation des domaines éloignés du monastère et estimes indispensables à leur subsistance. Leur rude travail est rythmée par une prière simple aussi solvante que les moines se réunissent au chœur; ils vivent dans le silence et l’obéissance, d’une manière fort austère quand à la nourriture, le vêtement et le sommeil”. *Le Grand Exorde*, p.496.

¹³ Um exemplo são as *vitae* dos santos da Abadia de Villers (*Gesta sanctorum Villariensium*). Pretendemos em outra ocasião ampliar o escopo documental e realizar análises comparativas. Esse é o objetivo de buscar nas *vitae* de conversos da Abadia de Villers em comparação com algumas *vitae* de beguinas e monjas da diocese de Liège, cuja espiritualidade está também fundamentada na caridade e na mística uma vez que podem se oriundas dos *scriptoria* da dita Abadia. Das 36 *vitae*, 23 trazem ao menos uma tarefa manual associada a um santo religioso.

penitência?) e podem ficar durante a semana.¹⁴ O converso é um iletrado, que deve ser humilde, paciente, silencioso, constitui uma comunidade à parte, têm um Capítulo próprio que ocorre no domingo, dia de descanso, pode ouvir os sermões do Capítulo dos monges mas, pela palavra, não compreendida, porque enunciada em latim, aprende a obedecer. No século XII os conversos são mais numerosos do que os laicos, uma população menos estável e mais vulnerável.¹⁵ Laurent Veyssière, com base nas *epistulae* e nas *vitae*, reafirma que na fundação de Claraval os monges eram oriundos da pequena aristocracia rural, o que marca o caráter elitista dos relatos de origem. O recrutamento na fundação de Cîteaux incluía prelados, padres ansiosos pela nova via. Mas, na dinâmica feudal o dom em terras pode acrescentar os trabalhadores, os camponeses agora sem senhor,¹⁶ o *habitus* de classe não se extingue no momento da conversão e da obediência à Regra de São Bento. A complexidade social a conjuntura de exploração do trabalho implica nas categorizações e leva a um recrutamento mais amplo dentro das clivagens sociais. Georges Duby demonstra que a compra da vinha de Meursault implica no emprego dos *mercenarii*. E afirma, categoricamente, que «*les convers sont des inférieurs*».¹⁷ Mas, como vimos, é no *Exordium Cistercii et summa cartae caritatis*, e que contem ainda os “*capitula et constitutionem*” aprovados em 1119 por Calixto II, que temos os estatutos dos conversos. Assim, no estatuto XV do *Exordium Cistercii et summa cartae caritatis* está definido que os monges devem ter seu sustento do trabalho das suas mãos do cultivo da terra e do gado, por isso devem possuir águas, florestas, vinhas, prados, terras e para realizar estes exercícios devem ter celeiros mantidos pelos conversos.¹⁸ O estatuto XX afirma que estas coisas devem ser

¹⁴ Regra de São Bento (I,4) – “Ele (o número perfeito dos 12 degraus da humildade descritos na regra) mostra que a Regra ensina o amor de Deus e do próximo, que é o topo da perfeição (...); e também, quem será delicado e tão fraco que não possa achar nos preceitos da Regra, jejuns, vigílias, trabalhos e outras observâncias, dispostos com tanta moderação e discernimento, os remédios cuja enfermidade necessita. (I,7) A obediência à Regra deve ser observada em seus “mínimos mandamentos” (*mínima mandata*, I,7).

¹⁵ Uma diferença de 162 monges (128 estelas no coro e 34 no *arrière-choeur*) para 328 túmulos de conversos.

¹⁶ Laurant Veyssière indexou todo pessoal da abadia de Clairvaux no século XII. VEYSSIÈRE, Laurent, *Le Personnel de l'abbaye de Clairvaux au XIIème siècle, Cîteaux, Commentarii cistercienses*, fasc. 1-2, 2000, p. 17-89. <http://opac.regesta-imperii.de/id/1137343> Acessado em 02 de dezembro de 2022.

¹⁷ DUBY, Georges, *Saint Bernard et l'art cistercien*, Paris: Gallimard, 1976, p. 121.

¹⁸ XV – *Unde debeat monachis provenire victus. Monachis nostri ordinis provenire victus de labor manuuum, de cultu terrarum, de nutrimento pecorum. Unde licet nobis possidere ad proprios usus aquas,*

feitas pelos conversos ou mercenários.¹⁹ Mas, o mais importante, o capítulo XXII é imperativo: “do converso não se faz o monge”, não pode ter atitude de um monge regular sob instigação do diabo, se o fizer não será mais aceito em nenhuma igreja.²⁰ Em uma sociedade perfeitamente ordenada não se passa de um grupo à outro cada um tem seu lugar. Em 1188, o Capítulo Geral proíbe aos *militēs*, talvez imbuídos da humildade voluntária de se colocarem entre os conversos.²¹ Mas, se o trabalho é uma obrigação do monge beneditino, recrutado nas elites rurais, o trabalho que lhes é destinado é a *Opus Dei* e o *Studium*, diferentemente do *labor*, associado teologicamente à pena do Pecado Original e semanticamente à *dolor*. E é pelo trabalho que os conversos participavam da vida monástica e da possibilidade de beatitude. No início do século XI o lugar do *Studium* cresce e a diferença entre *iletrados* - laicos da elite que ingressam na vida religiosa também. Daí a necessidade de distinguir dos *famuli*, os servos do mosteiro, e os incluir na família monástica. No mecanismo da distinção, a roupa é diferente usavam um hábito marrom com um escapulário preto, no corpo uma capa larga. Mesmo que haja irmãos laicos oriundos de famílias não servis a não instrução não os permitia ser monges do coro. Assim, a divisão do trabalho e a divisão se efetua no nível da linguagem *opus* e *labor* e permite que os monges possam se dedicar às coisas espirituais.²² Mas, temos o exemplo de Alain de Lille, o “doutor universal” que abraça o estado de converso em Cîteaux por humildade.²³

silvas, vineas, prata, terras a saecularium hominum habitatione semotas e animália praeter illa quae magis solent provocare curiositatem et ostentare in se vanitatem quam afferre utilitatem sicut sunt cervi, grues et cetera hujusmodi. Ad haec exercenda nutrienda, conservanda seu prope seu longe grangias habere possumus per conversos custodiendas et procurandas.” BOUTON, Jean-Claude, VAN DAMNE, Jean Baptiste, Les Plus Anciens textes de Cîteaux. Cîteaux – Comentarii Cistercienses. Studia et Documenta. Vol. II, 1985.

¹⁹ XX – De conversis - Quod per conversos haec agenda sint – “*Per conversos, ut dictum est, agenda sunt haec aut per mercenários quos utique conversos episcoporum licentia tamquam necessários et coadjutores nostros sub cura mostra sicutet monachos suscipimus, fratres et participes nostrorum tam spiritualium quam temporalium bonarum aequae ut monachos habemus.*” Idem, p.124.

²⁰ XXII – Ut de converso non fiat monachus – “*Qua facta monachus jam etsi multum petierit, non fiat sed in ea vocatione qua vocatus est, permaneat. Quod si forte álibi suadente diabolo a quolibet vel episcopo vel abbate monachi seu etiam canonici regularis habitum sumpserit in nulla deinceps nostrorum ecclesiarum suscipiendus erit.*” Idem. p.124

²¹ «Il est tentant de comprendre que parmi ces trente clerics et laïcs qui cohabitaient au noviciat, plusieurs laïcs préférèrent le rester et constituèrent un groupe distinct, avec le nom de convers qui leur fut désormais réservé». Jacques DUBOIS, «L’institution des convers au XIIe siècle. Forme de vie monastique propre aux laïcs», dans I laici nella "societas christiana" dei secoli XI e XII, Atti della terza settimana internazionale di studio, Mendola, 21-27 agosto 1965, Milan, 1968, p. 190

²² Em 1160, Pedro Lombardo teoriza sobre a diferença entre os clérigos instruídos que tem uma “fé explícita” e os laicos incultos que têm uma “fé implícita” devendo se remeter aos clérigos. SCHMITT, J-

Assim, para compreender quais emoções podem ser atribuídas aos conversos no discurso do *Magnum*, em relação a importância da Obediência, da Humildade e do Trabalho na *Regra* de São Bento,²⁴ partimos de dois pressupostos teóricos fornecidos por Pierre Bourdieu²⁵ e Maurice Godelier. Em Bourdieu buscamos os conceitos operatórios de Dominação, de Distinção²⁶ e Violência Simbólica, e em Godelier a articulação entre Poder e Linguagem que nos parecem explicitar os mecanismos de Dominação presentes na prática e, logo, no discurso cisterciense que, por fim, vai agenciar as possibilidades do exercício do emocionar-se e do sentir dos sujeitos dominados atravessados pelos sujeitos dominantes.²⁷ A eficácia da linguagem implica o poder simbólico que estrutura a percepção que os agentes têm da realidade social e que constrói a realidade coletiva, é aí que se situa a força da representação. O Abade, na figura paradigmática de Bernardo de Claraval recebe o direito de falar e agir é o “porta-voz autorizado” cuja “magia performativa” é o “mistério do ministério, o representante acaba por constituir o grupo. Essa é a condição social do uso das palavras, um discurso

Cl., *Le Corps, les rites, les rêves, le temps. Essais d'anthropologie médiévale*, Paris, 2001. Citado por BARTHÉLEMY, Dominique, *La mutation de l'na 1100. Journal des Savants*, 2005. pp.3-28

²³ *Le Grand Exorde de Cîteaux. Turnhout Brepols/Cîteaux-Commentarii cistercienses*. 1998. p. 426

²⁴ Etienne Gilson em seu livro *La Théologie Mystique de Saint Bernard* afirma que a reflexão íntima sobre a Regra de São Bento é a expressão da reforma e da observância cisterciense. GILSON, Etienne, *La Théologie Mystique de Saint Bernard*. Paris: Vrin, 1986

²⁵ Para expressar nossa compreensão e o emprego do sistema explicativo de Bourdieu não precisamos necessariamente usar metodicamente seus termos, seu vocabulário, enunciar diretamente suas proposições, achamos que basta pensar *com* ele. Esse pensamento é um engajamento que aparece nas suas obras e que não são meramente acadêmicas, é uma relação entre teoria e prática, uma forma de compreensão do mundo, de participação política. É nesse sentido que pensamos a forma de compreender com Bourdieu os processos históricos.

²⁶ A Distinção publicada em 1979 e a teoria da dominação simbólica foram elaborados no contexto da França da década de 1960, com preocupações ligadas à consumo da sociedade burguesa, ao sistema escolar como fundamento da distinção social não foram desenvolvidas em outras perspectivas históricas. Nossa intenção é a de refletir através desses conceitos operatórios as relações de poder e de força no mundo monástico permeadas pelo discurso teológico. BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp: 2007. BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004. É interessante notar que o termo “Distinção”, aparece como resultado das pesquisas de P. Bourdieu originadas na filosofia escolástica (*distinctiones* sendo as partes de um discurso) e procede de uma polissemia em francês *distinction* que “designa a operação cognitiva pela qual se identifica uma diferença entre duas palavras” e designa na linguagem corrente elegância e nobreza. Duval, Julien, Verbete “Distinção”. Essa polissemia escolhida por Bourdieu é interessante para nossa reflexão. DUVAL, Julien, “Distinção”, In: CATANI, A.M. (et al.). (orgs.), *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 146-148.

²⁷ Não explicitaremos de modo exaustivo os conceitos de Bourdieu que têm uma enorme capacidade heurística e que são amplamente trabalhados, sinalizaremos apenas alguns elementos fundamentais para a nossa análise

ritual que possibilita a prática da dominação.²⁸ Da mesma forma, em seu artigo Poder e Linguagem²⁹, Godelier, como Bourdieu, analisa a dominação também através do uso da linguagem, pelo poder simbólico que estrutura uma hierarquia político-simbólica. No seu estudo, Godelier afirma que a entre os Baruya os homens e não as mulheres são iniciados em segredos através de uma língua cifrada, metafórica de parte do léxico sendo um modo de manter as mulheres distantes e de ter através da eficácia das palavras um poder sobre as “coisas”, criando um monopólio de acesso a um mecanismo invisível.³⁰ Assim, para ambos os autores a dinâmica do Poder se exerce pelo consentimento dos dominados, excluídos dos segredos, dos rituais, dos gestos, dos textos, como no caso dos conversos é esse consentimento que cria o “paradigma da legitimidade”.³¹ No nosso caso a língua determina a linguagem ritual e eficaz. Os conversos, não falam/leem/compreendem o latim,³² não têm acesso ao *studium*, não têm acesso aos rituais monásticos, não podem compreender os *sinais*³³. As línguas, no caso o latim e o vernáculo, são os mecanismos de distinção que podem ensinar, também, modos de percepção de si, o que na teologia mística cisterciense é o conhecimento de si.

Para iniciarmos nossa análise vamos buscar algumas definições desses quatro conceitos (Caritas, Obediência, Humildade e Trabalho) na Regra de São Bento, na espiritualidade Bernardina e na *Carta Caritatis*, para em seguida analisar suas

²⁸ Nas palavras de Bourdieu “É o grupo que, por seu intermédio, exerce sobre ele mesmo a eficácia mágica contida no enunciado performativo” BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Linguísticas. O que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996, p. 95.

²⁹ Publicado em 1978 na revista Communications, volume 28, dedicado à Georges Friedmann, com o título *Idéologies, discours, pouvoirs*. Nesse artigo, com o subtítulo *Réflexions sur les Paradigmes et les paradoxes de la “légitimité” des rapports de domination et d’oppression*, Godelier analisa a relação entre poder e linguagem nos Baruya (Nova-Guiné), sociedade sem classe caracterizada pela dominação masculina – todos os homens, independentemente de sua idade têm uma autoridade geral sobre as mulheres da tribo. Godelier demonstra que a força maior de dominação não é a violência, mas o consentimento dos dominados à sua dominação que legitima o poder, em última instância o objetivo de Godelier é a reflexão sobre o problema das condições de aparecimento da estrutura de classes e do Estado, o que não nos compete agora. Mas, os mecanismos de dominação, através do controle dos rituais, da língua, do consentimento e estratégias de resistência são pertinentes à nossa análise de uma sociedade que se supõe igualitária, mas profundamente desigual, excludente. GODELIER, Maurice, *Pouvoir et Langage*. In: Communications (EHESS-CETSAS), Paris. Editions du Seuil, 1978, pp. 21-27

³⁰ Nas palavras de Godelier: “*Pouvoir et langage sont dans ce rapport qui n’est pas seulement le marquage dans le langage d’une différence. C’est plus profondément un accès à travers le langage à l’essence cachée des choses.*” Idem, p.22.

³¹ Idem, p. 24.

³² Em princípio, muitos membros da aristocracia fundiária que ingressaram na Ordem Cisterciense são iletrados e falavam a langue d’Oil, mas através desse ingresso tiveram acesso pelo seu rang social ao *studium*, ou eventualmente já haviam sido estudantes nas escolas catedrais, como Bernardo em Saint-Vorles em Châtillon.

³³ No sentido semiológico do termo: *signo*.

implicações no discurso sobre as emoções atribuídas aos *exempla* de conversos no *Exordium Magnum*. Como vimos, para Etienne Gilson, a base da teologia ascética e mística bernardina se fundamenta na meditação da Regra.³⁴ Mas, de modo mais profundo, Gilson reflete sobre o que considera como um *fenômeno*: a forma como o *doctor mellifluus* associa a Regra ao Amor (*Caritas*). É o que pretende explicar, pois a via cisterciense é a *schola Caritatis* e o *Exordium Magnum*³⁵ busca o retorno ao espírito da *schola primitivae ecclesiae*, pois *'Dilectionem Dei et proximi quae est perfectiones summa'*³⁶. Aqui vemos insistentemente que a Caridade é o absoluto da teologia bernardiana, mas ela só se torna sublime se associada à Obediência e à Humildade expressas no conjunto teológico bernardiano e que desafia a tentativa de compreendê-los separadamente.³⁷ O voto de obediência e o ato de obedecer, palavra e gesto, significam a conversão. Etimologicamente obedecer quer dizer escutar.³⁸ No Prólogo à Regra de São Bento podemos ler: “Escuta (*Obsculta*) filho, os preceitos do mestre, e inclina o ouvido do teu coração (*inclina aurem cordis tui*); recebe livremente (*libenter*) e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo *labor* da obediência (*per obedientiae laborem redeas*), àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência (...). E, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus (*dilato corde inenarrabili dilectionis dulcedine curritur via mandatorum Dei*).”³⁹ A

³⁴ Regula, LXXIII “o que são elas, se não o meio de virtude para os monges de boa vida e obedientes. Fim da Regra.”. A Regra de São Bento. Latim-Português. D. João Evangelista Enout (o.s.b.). Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980. p.13, p.19.

³⁵ GILSON, Etienne, *op. cit.*, p. 79

³⁶ *Exordium Magnum, Distinctio Prima*, Patrologia Latina, 185, cap. IV. Col 1000A

³⁷ BRAGUE, Rémi, *L'antropologie de l'humilité* e QUILLET, Jeannine, *Aspects de la doctrine bernardine de l'obéissance*. In: BRAGUE, Rémi (dir.), *Saint Bernard et la Philosophie*. Paris: PUF, 1993, pp.129-152 e pp.165-177.

³⁸ Segundo a etimologia grega, *hypakouein*, « obedecer », deriva de *akouein*, escutar, da mesma forma em latim, *ob-audire*, significando escutar diante de alguém. Em I Sam. 15, 22 está a afirmação: « *numquid vult Dominus holocausta aut victimas et non potius ut obediatu você Domini melior est enim obedientia quam victimae et auscultarem agis quam offerre adipem arietum...* »

³⁹ “*Obsculta, o fili, parecepta magistrî, et inclina aurem cordis tui, et admonitionem pii patris libenter excipe et efficaciter conple, ut ad eum per obedientiae laborem redeas, a quo per inobedientiae desidiam recesseras. Ad te ergo nunc mihi sermo dirigitur, quisquis abrenuntians propriis voluntatibus, Domino Christo vero Regi militaturus, obedientiae fortissima atque praeclara arma sumis*” e ao final da Regra: “*Processi vero conversationis et fidei dilato corde inenarrabili dilectionis dulcedine curritur via mandatorum Dei, ut ab ipsius numquam magistério discedentes, in eius doctrinam usque ad mortem in monasterio perseverantes passionibus Christi per patientiam participemur, ut et regno eius mereamur*”

obediência assim como a Caridade é um mandamento que paradoxalmente liberta. O voto de obediência se faz nas mãos de um superior e através dessa delegação a obediência se dirige a Deus; o abade, na figura de Bernardo, é representante da vontade divina. A obediência se dá ainda entre os irmãos, obediência mútua que significa a Caridade humilde.⁴⁰ Na organização social fundamentada na segregação e no interdito de ocupar determinadas funções, impedindo o acesso aos rituais, se situa um tipo de exclusão em uma comunidade que, paradoxalmente, se quer igualitária. Mas, o que é obedecer no sentido monástico? E por que consentir? Porque a desobediência leva ao pecado,⁴¹ ou seja, a perda da imagem e semelhança divinas. Sua recuperação só é permitida pela re-forma do homem, através, na teologia bernardiana do reconhecimento de sua miséria (*libertas a miséria*), do conhecimento de si, através do exercício de sua humildade.⁴² Bernardo, no tratado “Sobre os Degraus de Humildade e Soberba” explicita para seus filhos leitores e ouvintes uma teologia da humildade⁴³: “A humildade é uma virtude através da qual o homem, em um conhecimento verdadeiro sobre si se torna vil para si mesmo”.⁴⁴ O conhecimento de si (conhecimento ativo) leva ao re-conhecimento de sua própria miséria, essa reflexão racional nos acusa e é ao mesmo tempo o caminho para a Caridade, o Amor ao Próximo, pois aquele que se conhece, conhece a miséria do outro, purifica o coração, o que permite a compaixão, o amor misericordioso. A humildade também é o caminho da contemplação o que leva ao conhecimento de Deus, prometido aos corações puros.⁴⁵ Existe, ainda, uma humildade que provém do afeto, nessa aprendemos com Cristo, que se deu a si mesmo por amor.⁴⁶ Assim, há uma humildade pela inteligência e outra pela Caridade, que é ardente, que reside no coração,

esse consortes. Amem.” (grifo nosso). A Regra de São Bento. Latim-Português. D. João Evangelista Enout (o.s.b.). Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980. p.13, p.19.

⁴⁰ Regra de São Bento capítulos 71 e 72. No Capítulo 7 São Bento ergue a escada da humildade: os quatro primeiros degraus são: obedecer à Deus nas coisas boas e ruins, ter prazer em renunciar à vontade própria, como o Cristo, se submeter, pela Caridade à um superior, e o quarto degrau que diante da injustiça não se recua ou se desencoraja, é o fundamento da ascese. O quinto degrau é a abertura de consciência, Deus lhe dá o sentimento íntimo de inferioridade.

⁴¹ Gn. 2,16-17 e Gn. 3,1-7.

⁴² Bernardo de Claraval *De Gradibus Humilitate et Superbia*. P.L. 182, col. 941-972.

⁴⁴ “(...) *humilitas est virtus, qua homo verissima sui cognitione sibi ipsi vilescit*”. *De Gradibus*, col. 941c-942b

⁴⁵ Capítulos 4 e 5

⁴⁶ Sermo 4, *De Adventu*, ADNÈS, Pierre. “Humilité”, *Dictionnaire de Spiritualité*, t. 7, 1969. Col.1136-1187.

é afetuosa, livre e voluntária: “*altera cognitoinis, quam nobis veritas parit, altera affectionis, quam charitas format et inflamat*”⁴⁷

A articulação entre obediência/autoridade e Caridade aparece nos três primeiros documentos que instituem a vida comunitária dos egressos de Molesmes, a saber: *O Exordium Parvum*, a *Carta Caritatis* e o *Exordium Cistercii et Summa Cartae caritatis*.⁴⁸ O primeiro provavelmente teria sido escrito entre 1112 e 1119 por Estevão de Harding, abade em 1008. A *Carta Caritatis* é a constituição da Ordem e tem como objetivo normatizar a relação entre as fundações-filhas de Cîteaux. A Caridade é o laço que une as comunidades entre si, no amor de cristo, o capítulo primeiro lembra ainda o Prólogo da Regra de São Bento, mas também determina a relação de autoridade, uma vez que submete as novas fundações ao Capítulo Geral, anual em Cîteaux.⁴⁹ A Caridade é fundamento de autoridade e de obrigação pela Caridade o abade fundador renuncia ao direito de levantar contribuições materiais sobre os bens das novas fundações em troca reservava a ‘caridade’ de cuidar do espiritual de seus filhos enviados como abades-fundadores que por ela aceitavam sua submissão.⁵⁰

Partimos então para a análise das emoções nos exempla de conversos, na *distinctio* IV, que por seus *méritos* são dignos de memória.⁵¹ Os *exempla* contemplam as virtudes da obediência, devoção (XIII) humildade (XII, XIX), paciência (XVI), o saber

⁴⁷ Sermo 42, *In Cantica Cantorum*, 6-8, 990b-991d, apud. ADNÉS, “Humilité”. Dictionnaire de Spiritualité, t. 7, 1969. Col.1136-1187.

⁴⁸ BOUTON, Jean de la Croix, VAN DAMNE, Jean-Baptiste. Les Plus Anciens Textes de Cîteaux, (sources, textes et notes historiques). Cîteaux (*Commentarii Cistercienses Studia et Documenta* – vol. II), Achel: Editions Sinite Parvulos VB, 1985

⁴⁹ *Prologus Carta Caritatis*. “(...) *In hoc ergo decreto paredicti fratres mutuae pacis futurum praecaventis naufragium, elucidaverunt et statuerunt suisque posteris reliquerunt, quo pacto quoque modo, immo qua caritate monachi eorum per abbatias in diversis mundi partibus corporibus divisi animis indissolubitlier conglutinarentur. Hoc etiam decretum cartam caritatis vocari censebant, quia ejus statutum omnis exactionis gravamen propulsans, solam caritatem et animarum utilitatem in divinis et humanis exequitur*” Idem. p.89. “Neste decreto, portanto, os ditos irmãos, evitando o futuro naufragio da paz mútua, elucidaram e estabeleceram e deixaram à sua posteridade, por que acordo, por que meios, e na verdade por que caridade, seus monges deveriam estar indissolúvelmente unidos por seus corpos e almas divididos por abadias em diferentes partes do mundo. Consideravam que este decreto também era chamado de carta da caridade, porque o seu estatuto, repelindo o fardo de toda extorsão, impõe apenas a caridade e o bem-estar das almas nos seres divinos e humanos.”

⁵⁰ Nesse sistema hierárquico ainda há o direito dos bispos dos lugares de fundação de reconhecerem para a sua diocese a Carta de fundação e de delegar aos abades os poderes sobre os monges além dos benefícios materiais, pois renunciavam aos benefícios eclesiásticos. A partir de 1112, data da entrada e Bernardo e de seus companheiros as fundações se multiplicam. Entre 1120 1130 são 25 fundações, 100 entre 1130 e 1140. Quando da morte de Bernardo são 343 abadias. Idem. p. 6-14.

⁵¹ Para McGuire o *Exordium* instaura uma teologia do mérito. *Le Grand Exorde*, Introdução, p.xix

infuso pela graça (XVII), as visões (XVIII, XXIII), a beatitude (XX), a desobediência (XXIV) e a luta contra os demônios (XXXI). Todos os relatos têm em comum a diferença de estatuto e o que ele implica: as formas de experimentar os afetos. Vamos nos dedicar à uma breve análise dos capítulos onde a distinção está marcada pelo não saber dos conversos que na hora da morte recebem, pelos seus méritos (mansuetude, humildade, obediência e devoção)⁵² a Graça de cantar em latim e de conhecer os mistérios divinos.

Conrad afirma, logo no Prólogo, que seu relato é composto por “documentos seguros”. Seu empreendimento se justifica porque depois de um século é necessário relembrar a exaltação das primeiras gerações e, para isso, associa a perfeição da Ordem às origens do monarquismo.” O monge empreende um combate pela salvação, pois “a funesta infecção do vício faz perder habitualmente o caminho da justiça⁵³. “Nisso (o serviço piedoso) os irmãos cistercienses são excelentes, consumidos por um santo trabalho (*labor*) e coroados de piedosos sofrimentos.”⁵⁴

No capítulo XIII⁵⁵ Conrad relata que na véspera da Assunção os irmãos das granjas mais próximas de Clairvaux se apressavam para ir à abadia que estava em festa. Um converso piedoso e temeroso que venerava a Virgem com toda a afeição de seu coração não pôde praticar perfeitamente todas as observâncias religiosas, pois o mestre das granjas⁵⁶ designava aqueles que deveriam ir à abadia e aqueles que ficariam no trabalho, o converso deveria, então, cuidar das ovelhas. Essa tarefa lhe pareceu pesada, pois queria ouvir os hinos e os cantos litúrgicos. Entretanto, ele não ousou reclamar e se submeteu a essa ordem em espírito de obediência.”⁵⁷ Mas, temia que a devoção que ele havia concebido em sua alma se perdesse devido a sua ocupação material que a obediência lhe havia imposto (...). e é tomado pelo amor no coração e nos olhos, na “pequena biblioteca de seu espírito”. Durante essa noite santa, enquanto vigiava solícitamente seu rebanho, o sino que chamava os irmãos para a festa soou; seu coração esquentou em uma meditação ardente de amor pelo pensamento dessa multidão

⁵² Consideramos a devoção como uma experiência emotiva.

⁵³ *Le Grand Exorde*, Prol. 6-7, p. 1.

⁵⁴ *Le Grand Exorde*, Prol. 13. p. 2.

⁵⁵ XIII. *De converso, cujus devotionem S. Bernardus per spiritum cognovit*. Esse exemplar não é editado no texto do *Exordium* contido na Patrologia Latina porque está na *Vita Prima* de São Bernardo.

⁵⁶ Seria dom Gérard, o irmão de Bernardo, mestre granjeiro de Claraval cujo elogio aparece na *Distinctio Tertia* (1-3)?

⁵⁷ *Exordium Magnum*, IV, 13.

piadosa; se levanta e se vira para o mosteiro e fixa seus olhos e coração; recita as orações que os conversos dizem nas matinas e ‘na pobre biblioteca de seu espírito’ busca as orações que pode oferecer à mãe de Deus; o resto da noite se deu sem cansaço...Bernardo conhece o fato em espírito e diz em seu sermão: “quero que saibam que um dos menores e mais simples dos nossos irmãos conversos, que a obediência constrangeu a ficar essa noite nos montes e bosques e celebrou em pleno ar as alegrias de uma tão grande festa.” Bernardo ao final exorta os irmãos laicos que profundamente admirados viram que a obediência lhes impunha diversos trabalhos, em dias de festa e em dias ordinários, compreenderam que a clausura não santifica aquele que não segue o temor de Deus, mas a ocupações impostas pela obediência e pelas necessidades temporais, não podem prejudicar aquele que com as mãos puras deseja servir ao senhor na sinceridade da alma.⁵⁸

Gautier, um monge laico, iletrado, e encarregado do vestiário⁵⁹ era educado e letrado na fé e foi digno de receber, do Espírito Santo, uma graça maravilhosa, pois vestia segundo a necessidade dos necessitados com doçura e amor (*cum multa charitatis dulcedine providebat*) e era querido por Deus e pelos homens pela sua inocência e pureza.⁶⁰ Assim, enquanto dormia uma pessoa lhe apareceu ordenando que entrasse no oratório e cantasse devotamente missa. Ele não se surpreendeu, mas considerando sua pessoa humilde (*simul etiam personae suae humilitatem considerans*) e abalado pela sua vergonha (*verecundia*) é pressionado pela autoridade e obedece prontamente (*praecipientis auctoritate pressus*).⁶¹ A obediência prevalece sobre a humildade e a vergonha. Inicia, assim, um trabalho incomum (*insolitum opus*) se vê vestido com roupas sacerdotais e celebrando, em sonho, a missa com uma máxima devoção (*cum*

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ *Exordium magnum*, IV, 15. *Liber miraculorum*, I, 32, col. 1304B-C

⁶⁰ “*Hic itaque beatus homo, Galterus nomine, doctis et litteratis fide devotione non inferior, vestiarii officium in Claravalle multo tempore gerens, non secundum personarum acceptionem, sed secundum necessitates indigentium vestimenta fratribus: qui etiam puritate innocentis vitae tam Deo quam hominibus carus et acceptus erat.*” *Exordium Magnum*, IV, 1105C

⁶¹ “*Huic aliquando in strato suo quiescenti, persona quaedam reverenda dormienti apparuit, praecipiens ut oratorium quantocius intraret, et divinae majestati missam devotus cantaret. Ille vero super hujus praecepti novitate non parum attonitus, simul etiam personae suae humilitatem considerans, nutabat quidem prae verecundia, sed praecipientis auctoritate pressus, nec resistere ausus, velociter paruit imperante*” *Exordium Magnum*, IV, XV, 1105C

magna devotione per somnium celebravit).⁶² Ao acordar conheceu a missa que, apesar de não saber as letras, sabia de coração (*corde tenus scivit*) e durante muitos anos a reteve na memória, nas meditações e orações que cuidava de ruminar docemente (*dulcius ruminare studuit*) se lembrando alegremente, não pela doutrina humana, mas pela inspiração divina (*ex inspiratione divina didicisse jucundius meminit*).⁶³ O desejo recalçado, afirmado na distinção e fundamentado na devoção para participar dos ofícios se realiza pela doçura, trabalho e obediência, conferindo alegria ao iletrado. No capítulo XVII⁶⁴ vemos um converso que no artigo da morte, na enfermaria, tem por seus méritos o dom da ciência das divinas escrituras, ele canta, o que não lhe era permitido por não saber latim, não podendo fazer parte das salmodias, das liturgias e do Coro. Como destacamos uma das principais formas de distinção entre os monges, por um lado e conversos e irmãos laicos, por outro, é a separação entre os letrados e iletrados. Conrad começa a tratar da aquisição do saber pelos iletrados ainda na *Distinctio Tertia*⁶⁵. O *exemplum*, “digno de memória” é contado, com alegria (*gaudio*) e grande admiração pelos irmãos nas enfermarias de Claraval. O converso teve a recompensa pela sua boa vida religiosa. Quando a doença e os sinais de morte se tornaram evidentes o Espírito Santo que “age onde e quando quer” operou “um novo e estupendo milagre” o converso teve seu intelecto iluminado (*illuminatus est intellectus ejus*), sua língua foi aberta (*aperta lingua*) ele, homem rústico que nunca foi educado nas letras começou a falar latim, dissertando maravilhosas sentenças sobre as Escrituras de forma congruente

⁶² “*Aggressus itaque insolitum opus, et sacerdotalibus ornamentis indutus, missam de Spiritu sancto cum magna devotione per somnium celebravit.*” Idem.

⁶³ “*Cumque evigilasset, eadem missam, quam antea penitus, utpote litteras nesciens, ignorabat, corde tenus scivit, et eam deinceps per plurimos annos in memoria retinuit, tantoque eam in meditationibus et orationibus suis dulcius ruminare studuit, quanto se hanc non ex humana doctrina, sed ex inspiratione divina didicisse jucundius meminit.*” Idem. p. 1105D

⁶⁴ *Exordium Magnum, Distinctio IV, CAPUT XVII. De converso, cui scientia divinarum Scripturarum collata est. Liber miraculorum*, I, 16, col. 1292A-B

⁶⁵ *Exordium Magnum, Distinctio III, CAPUT XII. De magno profectu cujusdam Monachi Laici*. Podemos ver os “progressos admiráveis” de um irmão laico (não sabemos se se trata de um servo ou de um *miles* iletrado). *Liber miraculorum*, II, 7, col. 1318A-B. Pela conduta de Bernardo vários homens penetraram nos princípios da filosofia celeste, não somente homens instruídos, mas também “uma quantidade de laicos iletrados”. Esse por sua humildade se abaixava em todas as ocasiões, considerava suas virtudes desprezíveis em comparação à perfeição da vida religiosa dos irmãos. Mas, pela profundidade da sua humildade ele suplantava os outros; assistindo as vigílias ele afasta a negligência e o sono refletindo sobre seus pecados se acusando diante da Majestade suprema exaltando a santa vida dos irmãos – se confessa com Bernardo, demonstrando sua perfeita humildade, que se regozija, pois esse irmão laico só observava as virtudes dos melhores e não a dos fracos e negligentes. Ao final os irmãos se maravilharam de uma “*graça insólita*”.

com as doutrinas.⁶⁶ Os irmãos laicos que não conheciam as letras se admiraram da novidade. Cantou suaves cantilenas, nunca ouvidas, com voz modulada deixando os ouvintes atônitos (*attonitos*) com a novidade do milagre.⁶⁷ O querer da misericórdia divina e da graça insólita é para mostrar, retomando a sentença do apóstolo que *não há distinção* entre judeus, gregos, servos e livres, letrados e iletrados,⁶⁸ que todos podem ser ensinados (*docibiles*) por Deus e principalmente do maior ao menor todos podem conhece-lo. Inicia-se a comparação bernardiana entre o verdadeiro saber e o vão saber, o contemplativo e intelectual, Conrad ataca o vão saber dos dialéticos e sofistas⁶⁹ que deixam a piedade servir à avareza e à ambição. Esses homens deviam perceber e compreender com os ouvidos do coração (*cordis aure perciperent et intelligerent*), pois deviam fazer como o idiota e rústico que se esforçava em caminhar com *temor* à Deus (*rustico huic et idiotae, qui simpliciter in timore Dei ambulare studuit*) aqueles, sem temor, serão punidos na hora da morte.⁷⁰ Conrad não condena a busca pelo conhecimento, mas quer ensinar que se deve colocar o fundamento do *temor* de Deus na fossa da humildade, porque o temor é o início da sabedoria. (*primitus fundamentum timoris Dei collocare in fossato humilitatis, quia timor Dei, secundum veram diffinitionem, initium sapientiae est*) essa ciência é a que constrói a Caridade fraterna e divina.⁷¹ Conrad chama o converso de novo teólogo que justamente partindo do temor de Deus alcança a verdadeira sabedoria na hora da morte, alegrando os ouvintes

⁶⁶ “*Et ecce spirante ubi voluit, et quando voluit, Spiritu sancto, novo vere et stupendo miraculo illuminatus est intellectus ejus, et aperta lingua illi, coepitque homo rusticanus, qui nunquam litteras didicerat, expedite Latino uti eloquio, miras quasdam sententias de Scripturis sacris disserens, nihil tamen proferens, nisi quod sanae doctrinae congruebat.*” *Exordium Magnum*, IV, XVII, p. 1105D

⁶⁷ “*Praeterea suaves quasdam cantilenas de mysteriis sanctae Ecclesiae modulatis vocibus decantabat, quae nusquam audiri consueverant, ita ut audientes miraculi novitate attonitos redderet, et cantus suavitate mulceret.*” *Idem* 1106C.

⁶⁸ “*Sed quid omnipotens et misericors Deus in hac tam insolita gratia simplici et rusticano homini collata mortalibus innotescere voluit, nisi hoc, quod in aeterna beatitudine regni ipsius, secundum Apostoli sententiam. Non erit Judaeus aut Graecus, Barbarus et Scythia, servus et liber, litteratus seu illiteratus?*” *Idem*.

⁶⁹ Bernardo é o grande opositor de Abelardo e dos especulativos. Para Bernardo a conceito de Filosofia é o da contemplação. BRAGUE, Rémi (dir.), *Saint Bernard et la Philosophie*. Paris: PUF, 1993

⁷⁰ “*Utinam, inquam, cordis aure perciperent et intelligerent, quoniam sicut rustico huic et idiotae, qui simpliciter in timore Dei ambulare studuit, in obitu ipsius divinae scientiae sublimitas collata est, et notitia mysteriorum coelestium reserata: sic econverso ipsi stulti et fatui remanebunt in obitu suo, cum divitias scientiae, quas sine timore Dei devoraverunt, evoment, et de ventre illorum extrahet eas Deus.*” *Exordium Magnum*, IV, XVII, p.1106D

⁷¹ “*Et haec dicimus, non ut scientiae appetitores generaliter condemnemus, sed ut doceamus omnem hominem, primitus fundamentum timoris Dei collocare in fossato humilitatis, quia timor Dei, secundum veram diffinitionem, initium sapientiae est: dehinc quantumcunque voluerit scientiae supraedificet, quia nulla unquam scientia inflat, ubi divina pariter et fraterna charitas aedificat.*” *Idem*

(*audientes laetificasset*), sendo feliz (*felice*) no abismo da luz. Seu exemplo serve para que se possa conhecer a fonte da verdadeira sabedoria que se abre aos mansos e humildes (*quanto solis mansuetis et humilibus fontem verae sapientiae patere cognosceremus*)⁷².

Um lindo *exemplum* é o de um boiadeiro, puro e com grande simplicidade (*homo purus ac magnae simplicitatis*) que teve em seu sono a visão de Cristo como seu companheiro de trabalho.⁷³ Tudo que mandavam executava prontamente e devotamente na busca de retribuição divina suportava pacientemente os trabalhos quotidianos (*et intuitu retributionis divinae quotidianos labores patientissime tolerabat*)⁷⁴. Assim, por trabalhar devota e pacientemente teve a graça de ver em sono Cristo junto a si, um espetáculo alegre (*jucundo nimium spectaculo*). Ao acordar revira na sua mente a mansidão, a bondade e a doçura do seu ajudante (*mansuetudinem, benignitatem dulcedinemque mente revolveret*), subitamente em seu coração ardeu de um fogo veemente de desejo, suspirando (*in praecordiis ejus ignis vehementis desiderii, ipsum suspirantes*) e desejando ver face a face aquele que viu em uma visão beatífica.⁷⁵ Conrad cita Filipenses 1 e marca o desejo da dissolução em Cristo que anda com os menores e fala com os simples e não demora a atender os desejos dos pobres.⁷⁶ Mas, esse irmão adocece e após sete dias acaba com o seu labor e com a sua dor (*et die septimo laborem et dolorem cum morte finivit*) e repousa alegremente (*feliciter*) na vida eterna. *In extremis* Bernardo, que sabe da visão e garante que verdadeiramente

⁷² “Itaque novus iste theologus de quo locuti sumus, qui a timore Dei incipiens, fastigium perfectae sapientiae apprehendere meruit in consummatione praesentis vitae, cum aliquandiu sententiarum varietate, et cantuum modulata suavitate, tanquam dulcissimo poculo audientes laetificasset, tandem in bona confessione transivit ex hoc mundo ad Patrem, felici absorptione in abyssum aeterni luminis absorbendus, cujus in hac vita primitias ad hoc tantum, ut reor, acceperat, ut nos in odore unguentorum, quibus delibutus erat, tanto avidius currere faceret (Cant. I), quanto solis mansuetis et humilibus fontem verae sapientiae patere cognosceremus. Idem.

⁷³ *Exordium Magnum. Distinctio IV, CAPUT XVIII. De converso bubulco, qui vidit in visione Dominum Jesum boves secum minantem. Liber miraculorum, I, 15, col. 1291D-1292A.*

⁷⁴ “*Conversus quidam in una grangiarum Claraevallis bubulci gerebat officium, homo purus ac magnae simplicitatis, qui omnia quae sibi a magistris suis fuissent injuncta promptus ac devotus exsequatur, et intuitu retributionis divinae quotidianos labores patientissime tolerabat.*” *Exordium Magnum, IV, XVIII, 1107A*

⁷⁵ “*Cumque evigilasset, et piissimi collaboratoris sui mansuetudinem, benignitatem dulcedinemque mente revolveret, exarsit subito in praecordiis ejus ignis vehementis desiderii, ipsum suspirantis, ipsum facie ad faciem videre cupientis quem in beata visione collaboratorem habere meruerat.*”

⁷⁶ “*Cumque dissolvi vehementer cuperet et cum Christo esse (Philipp. I), pius Dominus, qui cum mitibus ambulat, et cujus sermocinatio cum simplicibus est, desiderium pauperis sui nequaquam differre voluit.*” Idem.

Deus trabalhou foi companheiro e cooperador no trabalho do boiadeiro, visita-o, para abençoar o filho sendo repatriado, pois sabia da sua consciência pura e simples.⁷⁷

Em um *exempla* extenso que serve para admoestar os irmãos a caminharem na caridade, na obediência e na humildade é o de um converso de grande mansidão⁷⁸ (*magnae mansuetudinis*) que aprendera pela graça divina a ser pequeno e humilde de coração (*didicerat esse mitis et humilis corde*)⁷⁹ e da mesma forma tem a recompensa da visão celestial no momento de sua morte. Pelo testemunho dos irmãos nunca foi visto irritado (*irasci*) ou irromper em impaciência (*ad impatientiam erumpere*). Inspirado por Deus havia decidido em sua alma (*statuerat firmiter in animo suo*) rezar para cada um o Pai Nosso, o que permite à todos de verem sua devoção e humildade⁸⁰ Conrad discorre, então, sobre a impaciência e a virtude da devoção e da humildade, sobre homens que não aceitam essa proclamação e são dissimulados, respondendo à Caridade com o rancor.⁸¹ Esse converso pegou a estrada para servir aos negócios da Igreja e entrou só em uma floresta, teve seu jumento e seus fardos roubados, lhe fora deixando apenas a Caridade. Em uma personificação da virtude o Conrad atesta que a Caridade estava amarrada com os nós da paciência (*firmissimae patientiae nodis*) no íntimo do coração

⁷⁷ “*Cum vero praedictam visionem ipso infirmo referente cognovisset, plurimum inde gratulatus est. Quo defuncto, pronuntiavit de eo confidenter quoniam cum Deo ambulavit, et vere cum ipso operatus est Deus: ideoque transtulit illum Dominus. Non enim poterat miserator Omnipotens servum suum in supremo agone deserere, cui dignantissimus comes et cooperador fuerat in labore.*” Idem.

⁷⁸ *Exordium Magnum, Distinctio IV, CAPUT XX. De converso, post cujus mortem Dominus gloriosa revelatione demonstrare dignatus est quanta perfectionis in vita sua fuerit, et quantam beatitudinem in morte consecutus sit. Exordium magnum, IV, 20. Liber miraculorum, I, 7, col. 1285C-D.*

⁷⁹ “*In supradicto coenobio alter quidam conversus exstitit, vir religiosus ac magnae mansuetudinis, qui per magisterium divinae gratiae didicerat esse mitis et humilis corde.*” Idem. 1107D.

⁸⁰ “*Veruntamen si accepta Deo et grata hominibus erat devotio et humilitas hujus beati viri, videant, quid responsuri sint Deo in die tremendi examinis ejus, qui econtrario nituntur, qui si forte ab aliquo proclamati fuerint, exasperantur, et ad impatientiae verba prorumpunt, rancorem quoque, quem adversus proclamantes se concipiunt, dissimulare nequeunt, seu etiam opportunitatem captant, quo non charitatis, sed rancoris spiritu impulsus, eos qui se clamaverant, cum quanta possunt exaggeratione reclamant.*” Idem. 1108A.

⁸¹ “*Cujus etiam exemplo informati multi Claraevallensium fratrum, eandem consuetudinem usque hodie quasi pro lege custodiunt. Veruntamen si accepta Deo et grata hominibus erat devotio et humilitas hujus beati viri, videant, quid responsuri sint Deo in die tremendi examinis ejus, qui econtrario nituntur, qui si forte ab aliquo proclamati fuerint, exasperantur, et ad impatientiae verba prorumpunt, rancorem quoque, quem adversus proclamantes se concipiunt, dissimulare nequeunt, seu etiam opportunitatem captant, quo non charitatis, sed rancoris spiritu impulsus, eos qui se clamaverant, cum quanta possunt exaggeratione reclamant.*” Idem.

sabiamente agarrada (*intus in intimo cordis sapienter astricta*)⁸² e dessa forma não temeu a violência dos sicários. A Caridade salva, ele reza pelos ladrões que se espantam considerando-se condenados por terem atacado um irmão do santo mosteiro de Claraval, o veem rezar com gemidos e lágrimas (*non cessat orare cum gemitu et lacrymis*), os ladrões compadecentes (*compuncti sunt animo*) e assim lhe devolveram seus pertences. Tendo sido recompensado se alegra (*gavisus est gaudio magno*) mais pela contrição dos ladrões do que pela devolução do espólio. Conrad utiliza o fato para evidenciar a vida lauvável do converso através do testemunho da visão de um irmão de grande santidade e que todos gostavam sinceramente (*sincere dilegebant*) que estava longe de Claraval e viu o momento da morte deste converso. Introduzido no paraíso (*in paradysum voluptatis*), viu em êxtase (*raptus est hab humanis*) um grande esplendor, vasos preciosos, ornamentos, iguarias como quando da chegada de rei ou imperador, doces harmonias celestiais, vozes de cantos santos brilhando, como em um dia solene. Ao retornar do êxtase se pergunta que solenidade seria aquela e anjo diz ao irmão que era um santo dia em Claraval e foi intimado a contar o que viu e adormece no senhor. Bernardo se admira da dureza do coração das testemunhas (*duritiam cordis vestris*) e diz: «bem aventurados os que morrem no senhor, pois o Espírito diz que podem descansar dos seus trabalhos (*laboribus suis*). A luz é mais clara e a vida mais certa de que todos os que perseveram obedientemente e humildemente na pureza desta Ordem, assim que abandonarem a carne, serão imediatamente afastados de toda miséria, e vestidos com a glória.»⁸³ Esta enfática admoestação de Bernardo sobre a pureza da Ordem e as virtudes da obediência e da humildade levam os outros irmãos à andar por caminhos mais rigorosos. Toda a comunidade lamentou a morte com grande choro (*planctu magno*)⁸⁴ e anotam a data e hora da visão confirmando em Claraval que o irmão tinha adormecido no mesmo dia que a visão foi mostrada. O que lhe fora negado

⁸² “*Contigit autem eum ibidem in manus incidere latronum, qui etiam despoliantes eum, jumentum quoque quo vehebatur cum sarcinulis rapuerunt, et nihil ei penitus praeter solam charitatem reliquerunt. Illa vero, quoniam non erat incaute foris in cistarcia relictis, sed firmissimae patientiae nodis intus in intimo cordis sapienter astricta, sicariorum violentiam timere non potuit.*” Idem

⁸³ “*Beati mortui, qui in Domino moriuntur. Amodo enim jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis * . Mihi siquidem luce clarius, et vita qua vivo certius constat omnes, qui in Ordinis hujus puritate obedientes et humiles perseverarint, mox ut carnem exuerint, ab omni miseria protinus exuendos, et immortalitatis gloria vestiendos.*” Idem.

⁸⁴ “*Planxit autem eum omnis congregatio monasterii planctu magno, utpote sanctissimum, et magnae utilitatis virum, de cujus exemplo omnes erant informati, et de cujus consilio pendebant universi.*” Idem.

em vida : comida, cantos, objetos preciosos, a corte celeste lhe foram dados a ver em recompensa de seu trabalho, mansuetude, devoção, obediência e humildade. Outro mereceu ver os anjos ao redor de sua cama anunciando a hora da sua morte⁸⁵ Seu mérito advém de ser religioso que na simplicidade de seu simples de coração percorreu o mais árduo caminho (*qui in simplicitate cordis sui viam arctam et angustam, per quam itur ad Deum, inoffenso pede, sicut in morte ipsius patuit, cucurrerat*. In extremis abre os olhos e vê os anjos presentes em seu leito⁸⁶ Ao ver os anjos, maravilhosamente disse aos irmãos: “Vocês não olham para os anjos de Deus que acabaram de chegar? Então bata na mesa o mais rápido que puder, pois eles estão esperando minha saída”⁸⁷ Terminadas essas palavras, resoluto na morte, rende sua alma feliz (*felicem animam reddidit*) permanecendo sempre na felicidade eterna (*gaudia sempiternae beatitudine*).⁸⁸

Perseverando em seu intuito pedagógico e edificante Conrad busca o exemplo de castigo (*poenam*) pela negligencia (*negligentia*), para cautela dos preguiçosos (*ad cautelam desidiosorum*).⁸⁹ Certo converso de uma das granjas de Claraval estava sozinho perto de um riacho e decide lavar suas meias sem a autorização do mestre. Miserável (*miser*) não considera a gravidade de seu delito que viola a pureza da Ordem (*non considerans quod graviter delinquent qui vel in minimis puritatem sacri Ordinis violare praesumunt*). Sem consciência (*conscientiam non habebat*) de seu ato temerário de imediato, na beira do rio, ouve uma voz clamado: “*Perdute, Percute*”⁹⁰ e sente dois golpes um na cabeça e outro nos pés, tremendo e pálido (*tremesque ac pallens*) volta à

⁸⁵ *Exordium Magnum, Distinctio IV, CAPUT XXIII. De converso, qui sanctos angelos in obitu suo videre merui. Liber miraculorum, I, 14, col. 1291C-D.*

⁸⁶ “*Cum enim bonum cursum consummasset, et jam ad extrema devenisset, apertis oculis vidit angelos sanctos praesentes assistere lectulo suo. Quos ut vidit, mirum in modum exhilaratus, quasi jam de morte triumpharet, circumstantibus fratribus ait: Nunquid non aspicitis angelos Dei, qui modo advenerunt ?*” *Exordium Magnum, IV < XXIII, 1111A.*

⁸⁷ “*Quos ut vidit, mirum in modum exhilaratus, quasi jam de morte triumpharet, circumstantibus fratribus ait: Nunquid non aspicitis angelos Dei, qui modo advenerunt? Pulsate ergo quantocius tabulam, quoniam ipsi praestolantur exitum meum.*” *Idem*

⁸⁸ “*Vix verba finierat, et mox pretiosam resolutus in mortem, felicem animam reddidit: nec dubium quin spiritus beati quos praevidere meruerat, eam susceperunt, et secum ad gaudia sempiternae beatitudinis perduxerunt*” *Idem. 1111B.*

⁸⁹ *Exordium Magnum. Distinctio IV, CAPUT XXIV. Qualiter conversus, qui sine licentia caligas suas lavit, divinitus punitus sit. Liber visionum, XLVII.*

⁹⁰ “*Heu miser, non considerans quod graviter delinquent qui vel in minimis puritatem sacri Ordinis violare praesumunt! Cum ergo, ut diximus, temerario operi, cujus magistri sui testem conscientiam non habebat, instaret, audivit vocem clamantem, tanquam si aliquis alteri loqueretur, et dicentem: « Percute, percuti ».*” *Idem.*

granja. E logo confessa seu pecado e sua pena.⁹¹ Disse que esses golpes invisíveis penetraram suas entranhas e se juntaram ao seu coração ferido.⁹² Sendo assim, logo depois morre em boa confissão, pois escapa de uma morte terrível *pro culpa sua*.⁹³ A pedagogia do exemplo repousa no elogio da pureza da Ordem se convertendo quase em uma pregação sobre a não propriedade e a punição divina para àqueles que insistem....Um converso pastor,⁹⁴ bom e religioso que também executa seu ofício com solícitude e mansuetude e temor⁹⁵ (*officium sibi commissum cum omni sollicitudine et mansuetudine timoris Dei exsequebatur*). Porém, o inimigo das coisas boas, invejoso, de conversão simples e devota tenta contra ele, mas é auxiliado por Deus.⁹⁶ Entretanto, ao ir vigiar seu rebanho subitamente ouve um grande, vento, tempestade e redemoinho, causando temor e máximo terror na mente dos homens.⁹⁷ Munido da cruz pedia suplicantemente e ansiosamente (*trepidus et anxius invocabat, sanctorumque omnium suffragia suppliciter implorabat*) o sufrágio de todos os santos. Ainda assim, em oração ouviu estampidos e terríveis vociferações, como a vinda de um exército, que ficava mais forte e claro não só de clamores de homens, mas de rugidos de monstros e vozes terríveis. Chegando perto do rebanho viu dois demônios de grande estatura dizendo: “*Vere diabolus nos deducit, et ipse modo nos huc venire fecit. An non satis dixeram vobis quia non licet nobis transire per bonum?*”⁹⁸

Nesse breve estudo sobre os afetos dos « simples conversos » buscamos articular os conceitos imbricados de Caridade, Obediência, Humildade e Trabalho, na estrutura

⁹¹ “*A quibus cum confestim ad abbatiam transmissus fuisset, peccatum suum pariter et poenam peccati, qua poterat humilitate, confessus est.*” Idem,

⁹² “*Dicebat autem eosdem ictus quos invisibiliter acceperat, paulatim ad interiora sua serpere, unum a parte capitis, et alterum a parte pedum: seque modis omnibus vitae terminum sortiturum, dum iidem ictus in corde ipsius sibi mutuo jungerentur.*” Idem. 1111D.

⁹³ “*Quod etiam verum fuisse rei exitus probavit, dum idem frater paucis interpositis diebus in bona confessione vitam finivit, tanto purior, ut credimus, ad Deum vadens, quanto terribiliore morte pro culpa sua puniri promeruit*” Idem.

⁹⁴ *Exordium Magnum. Distinctio IV, Caput XXX. Qualiter daemones converso cuidam voluerunt, sed non valuerunt*

⁹⁵ “*Conversus quidam unus ex opilionibus Claraevallis, cum esset vir bonus et religiosus, officium sibi commissum cum omni sollicitudine et mansuetudine timoris Dei exsequebatur.*” *Exordium Magnum*, 1118C.

⁹⁶ “*Omnium vero bonorum invidus inimicus, devotione et simplicitate conversationis ejus nimium exacerbatus, aliquid nequitiarum suarum contra eum moliri conatus est; sed Deo auxiliante fraudis ejus commenta in se collisa ad nihilum redacta sunt.*”

⁹⁷ “*Tonitrua quoque crebra, et terribiliter undique crepantia mugiebant; sed et fulgura creberrima coelo erumpentia timorem et horrorem maximum mentibus hominum incutiebant.*” Idem.

⁹⁸

doutrinária beneditina e no discurso teológico-místico e edificante cisterciense. Buscamos demonstrar que as emoções possíveis de se serem sentidas pelos conversos são comandadas pela Regra que estabelece interditos e condutas. Para além dessas normativas, o discurso determina o comportamento exemplar, a consciência da necessária humildade (de si), da mansidão, da devoção e do temor à Deus que abre a única possibilidade de ascender à Beatitude e ao Conhecimento: a inteligência pela Graça e "justamente » pelos conversos serem, *simples, rústicos, humildes, obedientes*. Todos os *exempla* acabam com as mortes dos conversos, sua garantia da Salvação. Após a morte os conversos, dignos de memória, não operam milagres ou sufrágios, não têm o privilégio dos odores de santidade, são *exempla* que Bernardo utiliza - experiências do quotidianas da vida monástica - para seus sermões e assim afirmar os preceitos da Ordem e, no nosso entender, as estratégias de dominação que permitem a reprodução social no interior das comunidades cistercienses. No plano da graça divina e da salvação e no uso dos termos do discurso edificante e doutrinário, não há diferença entre monges e conversos; a distinção e a dominação se dão no plano do aqui embaixo o que permite a exploração do trabalho e as formas de estratificação de classe. Na comparação entre os discursos analisados nas *vitae* de beguinhas e no *Exordium Magnum* podemos avançar que mulheres e homens letrados compartilham da mesma sorte, têm a garantia da salvação por meio do trabalho e da obediência, mas aos conversos lhes é negado o amor de amizade, não há afeto eletivo, eles são de outra categoria social.⁹⁹ Como pontuamos, na historiografia sobre o discurso monástico (teológico, filosófico e doutrinário), em grande parte oriunda dos próprios historiadores confessionais, há pouco espaço para a discussão sobre as formas de dominação, esse estudo preliminar pode nos fornecer alguns elementos que podem levar à novas perspectivas sobre a vida comunitária e as relações de dominação entre as categorias sociais diversas. A distinção gera emoções de medo permanente e de alegria na morte, e através da concessão divina são colocadas em discurso pelos que têm o poder de descrevê-las e de torná-las modelos de obediência e humildade, virtudes primeiras da classe trabalhadora. Um poder simbólico que é de fato um poder real no sentido em que opera distinções entre as categorias sociais, de grupo, de alimentação, e que vive da força do trabalho do outro seu igual no

⁹⁹ No caso das beguinhas que analisamos, as distinções de classe são menos demarcadas. Buscamos em estudos futuros estabelecer essas comparações.

plano da salvação, mas diferente, inferior, alienado, iletrado, imbecil, idiota, com todos os prefixos negativos que compõem a falta e a ausência de um qualificativo positivo. Podemos considerar inicialmente que duas comunidades emocionais são descritas: uma fundamentada na Caridade, na Amizade e no *Studium* (a “boa filosofia”) e outra na Paciência, na Humildade, na Obediência e no Trabalho. Buscamos aqui apresentar o início de uma possibilidade de estudo: o lugar dos afetos da classe trabalhadora na antropologia cisterciense.

Fontes

CONRAD D'EBERBACH, *Le Grand Exorde de Cîteaux ou Récit des débuts de l'Ordre cistercien*, Jacques BERLIOZ (dir.), traduit par Anthelmette Piébourg (1908-1978), Introduction de Brian P. McGuire, Brepols, Turnhout. *Commentarii cistercienses, Cîteaux, Studia et documenta*, vol. VII. 1998

BOUTON, Jean de la Croix, VAN DAMNE, Jean-Baptiste. Les Plus Anciens Textes de Cîteaux, (sources, textes et notes historiques). Cîteaux (*Commentarii Cistercienses Studia et Documenta* – vol. II), Achel: Editions Sinite Parvulus VB, 1985

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologia Cursus Completus Series Latina** vol. 185, 995-1198). <https://patristica.net/latina/>

A Regra de São Bento. Latim-Português. D. João Evangelista Enout (o.s.b.). Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980. p.13, p.19.

Bibliografia

BARTHÉLEMY, Dominique, La mutation de l'an 1100. **Journal des Savants**, 2005. pp.3-28

BERLIOZ, Jacques (dir.), Le Grand Exorde de Cîteaux. Turnhout Brepols/**Cîteaux-Commentarii Cistercienses**. 1998. p. 426.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas. O que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 95.

BRAGUE, Rémi, *L'antropologie de l'humilité* In: **Saint Bernard et la Philosophie**. Paris: PUF, 1993, pp.129-152 e pp.165-177.

CATANI, Afrânio Mendes [et al.] (orgs.), **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autentica Editora, p.146.

DIMIER, Anselme. «Saint Bernard et le recrutement de Clairvaux», dans **Revue Mabillon**, t. 42, 1952, p. 17-30, p. 56-68 et p. 69-78

DUBOIS, Jacques. «L'institution des convers au XIIe siècle. Forme de vie monastique propre aux laïcs», dans I laici nella "societas christiana" dei secoli XI e XII, **Atti della terza settimanale internazionale di studio**, Mendola, 21-27 agosto 1965, Milan, 1968, p. 190

DUBY, Georges, **Saint Bernard et l'art cistercien**, Paris: Gallimard, 1976, p. 121.

DUCOURNEAU, Othon «De l'institution et des us des convers dans l'ordre de Cîteaux» dans Saint Bernard et son temps, **Congrès de l'Association bourguignonne des Sociétés Savantes** de 1927, Dijon, 1928-1929, t. II, p. 147. 43

GILSON, Etienne, **La Théologie Mystique de Saint Bernard**. Paris: Vrin, 1986

GODELIER, Maurice, Pouvoir et Langage. In: **Communications** (EHESS-CETSAS), Paris. Editions du Seuil, 1978, pp. 21-27

HENRIET, Patrick, “Le monachisme n’est pas un humanisme. Un devoir inédit du jeune Adalbert de Vogué sur le travail des moines” (mai 1949) *Le travail, production et économie monastique dans l’occident médiéval, de la règle de saint benoît aux cisterciens*. **Collection d’études médiévales de Nice**. Vol. 17 Études réunies par Michel Lauwers, 2021, Turnhout, Belgium

LECLERCQ, Jean. «Comment vivaient les frères convers», *Analecta sacri ordinis cisterciensis*, t. 21, 1965, p. 240e

McGUIRE, B.P., “Structure and Consciousness in the ‘Exordium magnum cisterciense’: The Clairvaux Cistercians after Bernard,” **Cahiers de l’Institut du Moyen Age grec et latin**, 30, 33-90, 1979

QUILLET, Jeannine, Aspects de la doctrine bernardine de l’obéissance. In: **Saint Bernard et la Philosophie**. Paris: PUF, 1993, pp.129-152 e pp.165-177.

SCHMITT, Jean-Claude. **Le Corps, les rites, les rêves, le temps. Essais d’anthropologie médiévale**, Paris, 2001.

VEYSSIÈRE, Laurent, Le Personnel de l’abbaye de Clairvaux au XIIème siècle, *Cîteaux, Commentarii cistercienses*, fasc. 1-2, 2000, p. 17-89. <http://opac.regesta-imperii.de/id/1137343>

Dicionários:

ADNÈS, Pierre, “Humilité”. Dictionnaire de Spiritualité. t. 7, 1969. Col.1136-1187. <https://fr.scribd.com/document/704248243/Dictionnaire-de-Spiritualite-Tables-Generales>

Lay Brothers. In **The Catholic Encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company. <http://www.newadvent.org/cathen/09093a.htm>;

Conversi. In **The Catholic Encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company. <http://www.newadvent.org/cathen/04346b.htm>